

RETR: GUIASO RV: TONICA;16/09,20:29

MATERIA NO LIBERADA PARA PUBLICAÇÃO
TODAS AS COPIAS PARA TONICA / RODRIGO LARA MESQUITA / AE

EXPEDIDO DEMENE - MATERIA 7

GUIAS E PRATICOS - TOTAL LINHAS
TEXTO LIANA JOHN
FOTOS CLAYTON LIND / LUIZ PRADO
ABRE - 19 LINHAS

Numa região que vive de extrativismos vários, como o alto Demene, no Amazonas, a dependência dos longos ciclos naturais, o trabalho pesado e as grandes flutuações dos produtos nos mercados tornam a população de extrativistas muito sensível a mudanças. Qualquer alteração de preço no produto que extraem, qualquer atividade nova que pareça dar dinheiro tem efeito rápido sobre a economia da região, com a migração dos extrativistas para a nova atividade. É difícil encontrar um homem que não tenha passado pela sorva, piaçaba, palmito, madeira, pesca, caça ou captura de peixes ornamentais. É fácil contar três ou quatro atividades totalmente diferentes na vida de cada um. De todas elas, esses ribeirinhos guardam o conhecimento empírico da mata, dos caminhos, dos ciclos dos rios e, desse conhecimento, alguns também fazem uma profissão: de práticos e mateiros.

Atualmente em ascensão na região do alto Negro e Demene, a profissão é uma alternativa ao extrativismo e pode se encaixar facilmente em propostas de desenvolvimento racional ou mesmo na implantação de projetos de turismo ecológico.

RETRANCA 1 - 83 LINHAS

Em poucas regiões amazônicas, como no médio e alto Rio Negro, a dinâmica das águas determina tanto a vida das populações ribeirinhas. De modo geral, os seis meses de cheia e seis meses de vazante dos rios controlam o calendário de atividades dos agricultores e extrativistas da Amazônia inteira. Mas, no alto Rio Negro, a interdependência entre o homem e as águas é exacerbada.

O Negro é um rio com fundo de pedras e bancos de areia. Seus afluentes da margem esquerda drenam a região-limite entre o Hemisfério Norte e o Sul, onde as épocas de cheias e vazantes não coincidem com as do Rio Amazonas e seus afluentes da margem direita. Um complicado equilíbrio entre rios que puxam ou bloqueiam as águas das várzeas inundáveis exige dos barqueiros larga experiência e muita troca de informação, sobretudo em tempo de vazante e seca, quando, de um dia para outro, as águas podem baixar a ponto de impedir o tráfego fluvial. Mesmo as lanchas dotadas de sonar - e são bem poucas - podem cair nas armadilhas dos fundos irregulares desses rios e encalhar nos bancos de areia, antes mesmo do alarme soar.

É por isso que se torna muito arriscado subir ou descer o Negro e seus afluentes da margem esquerda sem um barqueiro da região no leme. A estes homens, especialistas em comandar os barcos por entre labirintos inundados, se

dá o apelido de práticos. Sua profissão é conhecer cada curva do rio, saber distinguir ilhas de igapós (ou matas inundadas). Saber diferenciar igarapés (ou pequenos rios sem saída) de furos e paranás (passagens entre as curvas dos rios). E, principalmente, saber enxergar bancos de areia submersos em águas negras, absolutamente turvas.

"Esse banzeiro aí nesse lado é tudo pedra", explica Lúcio de Brito Lima, prático do Rio Demene. Para um leigo, o banzeiro que ele aponta é uma ligeira perturbação na superfície lisa das águas, semelhante à produzida por qualquer vento leve. Um detalhe que passaria facilmente despercebido e poderia custar um rombo no casco do barco.

O prático sabe que aquilo é um sinal das pedras submersas porque já esteve ali na vazante e conhece cada uma dessas pedras. Do mesmo modo conhece cada um dos bancos de areia e acompanha seus deslocamentos no fundo dos rios, ano a ano. E lembra de cada entrada, cada passagem entre as árvores onde cabe uma canoa, desde que tenha passado por ela pelo menos uma vez. Esse tipo de memória e capacidade de localização os aproxima dos guias tuaregues e beduínos dos desertos do Saara, a quem as bússolas e satélites demoraram décadas para substituir na condução de caravanas, se é que o fizeram.

Tal profissão, um tanto singular, é uma das poucas em franco crescimento no alto Negro e seus afluentes. A cada ano é maior o número de barcos que sobem para a região, transportando combustível, bens de consumo, produtos extrativos, turistas, pesquisadores ou mesmo fiscais e até garimpeiros, caçadores e pescadores de fora. É evidente que os práticos não distinguem entre bons e maus preservadores da natureza e conduzem qualquer barco por entre os rios onde vivem, desde que paguem. Mas experiências positivas - em áreas de proteção como o Parque Estadual do Alto Ribeira, em São Paulo - mostram que esses caboclos podem transformar-se em fiscais ou guias turísticos muito eficientes nos ambientes que tão bem conhecem. Eles podem trazer colaborações inestimáveis para a preservação, dentro de projetos de desenvolvimento racional, como o que se espera propor para o alto Demene a partir do exemplo de zoneamento ecológico-econômico da Expedição Demene.

Na expedição, realizada entre 14 e 31 de agosto passado, os práticos Martinho Marinho e Lúcio Lima contribuíram com seu conhecimento empírico das plantas e animais, além de garantir as travessias mais difíceis entre matas de igapó e campos inundados.

"Ninguém trabalha de carteira assinada, é só o que nós conhecemos que dá o pouco direito que temos", define Martinho Cordeiro Marinho, prático do Rio Negro há pelo menos 21 anos. Ele deixou o trabalho pesado da sorva para ser prático depois de circular em todo tipo de barco, no Rio Negro, durante pelo menos dez anos. "Aprendi olhando o tempo todo; aí, quando chegou quem precisava, comecei a trabalhar por minha conta. Pra mim era uma coisa sem necessidade", comenta, explicando que então não entendia como existiam pessoas que não conheciam o rio e precisavam de alguém para atravessar com seus barcos as partes rasas.

RETRANCA: GUIASO

Em Barcelos, onde vive Marinho, existem mais seis práticos, desdobrando-se para atender a uma demanda superior à sua disponibilidade. Nas comunidades ribeirinhas, quando há serviço, muitos extrativistas trabalham temporariamente como práticos ou mateiros, substituindo com essa atividade o trabalho pesado de retirar madeira, sorva, piaçaba ou palmito.

Um prático ganha cerca de cinco mil cruzeiros por dia em barcos de turismo, carga ou pesquisa. Os dois barcos de passageiros entre as cidades do alto Rio Negro, ou recreios, como são chamados, pagam menos: 20 mil a semana, com quatro dias para subir e dois para baixar. Para os padrões da região é um salário razoável e um serviço leve, uma das poucas alternativas com perspectiva de futuro.